

DIÁRIO DE BORDO

Minhas experiências durante o
distanciamento social de 2020

ESTUDANTE:

Clara Franco – 8º ano

 **INDI**
Instituto Nacional de Desenvolvimento Infantil

Editora

O tempo
das cores



A chegada

Era uma noite fria em uma cidade no interior. Poucas luzes restavam acesas ao longo das ruas. Uma moça jovem encontrava-se em pé na calçada, embaixo de um ponto de ônibus para se proteger da leve chuva que caía. Ela usava um moletom preto, que parecia ter sido feito para alguém com o dobro do seu tamanho, uma calça jeans branca, já encardida nos joelhos. Sua pele morena, seus cabelos encaracolados, bagunçados. Seus olhos castanho-escuros tinham um aspecto cansado de alguém que acabou de fazer uma viagem de muitas horas. Ela se apoiava com uma das mãos em uma mala cinza que trazia consigo, enquanto com a outra, checava seu celular periodicamente. A noite escura fazia a luz da lua parecer ainda mais forte do que o normal. A garota a observava deslumbrada, enquanto os ventos frios cortavam seu rosto.

Ao longe, as luzes dos faróis de um carro chegavam cada vez mais perto. O barulho do motor quebrava o silêncio daquela calma noite. Ao notar o veículo que vinha chegando, a garota se aproximou relutante da beirada da pista. Seu rosto transmitia alguns vislumbres de raiva em meio ao cansaço. O carro foi estacionado a apenas alguns metros de distância. De dentro dele saiu um homem robusto de pele pálida, seus cabelos negros encontravam-se devidamente arrumados. Ele utilizava roupas elegantes e bonitas, que em nada se assemelhavam às vestes despojadas da garota. Ao ver a aparência desleixada de sua filha, ele franziu a testa e balançou a cabeça em reprovação. A garota, que já esperava por aquilo, fingiu não notar a reação do pai, respirando fundo na tentativa de não se irritar e evitar um conflito. Com o resto de força que lhe restava, ela conseguiu esboçar um falso sorriso em seu rosto antes de ir cumprimentar o pai.

Não houve sequer um abraço. A distância entre eles era clara. As poucas palavras que trocaram foram fúteis e carregavam um tom estranho de uma formalidade excessiva. Um silêncio constrangedor pairou no ar por alguns instantes antes do homem tomar a iniciativa, abrindo a porta do carro num convite para que sua filha entrasse. Para ela, aqueles breves momentos pareceram durar uma eternidade. Ao ver o movimento do pai, ela rapidamente

pegou sua mala e entrou no carro. Ele a seguiu, sentando-se no banco do motorista.

A viagem não era longa, mas durante aqueles breves minutos, nenhum dos dois ousou sequer abrir a boca. A música do rádio tocando baixinho enquanto as luzes das ruas passavam rapidamente pelas janelas do carro. A menina colocou fones de ouvido e ligou uma música alta, como se para esquecer que havia outra pessoa ali. Ela estava completamente absorta no doce som das notas do violão enquanto seu olhar divagava perdidamente pela paisagem nas janelas. Aos poucos a paisagem foi se tornando cada vez mais familiar, antes dela ao menos perceber, eles já haviam chegado na casa. Era uma casa grande e moderna. À primeira vista, qualquer um pensaria que se tratava da casa de algum empresário rico. Na frente, um lindo e bem cuidado jardim com diferentes tipos de flores e plantas. Ao vê-lo, a garota esboçou um leve sorriso, ao pensar na visão de seus “adoráveis” primos destruindo o jardim que provavelmente havia custado uma fortuna à sua mãe.

O jantar

O sorriso logo desapareceu em seu rosto após avistar o semblante de sua tia ao lado da porta de entrada. Ela encontrava-se com as costas apoiadas em uma coluna, os braços cruzados em cima do peito, em seu rosto, uma expressão desagradável e insatisfeita.

A menina tinha certeza de que aquele olhar era direcionado a ela. Sua tia nunca gostara dela, aproveitando qualquer oportunidade de debochar ou trocar farpas com a sobrinha. A jovem garota desceu do carro lentamente, passando o máximo de tempo possível do lado de fora daquela casa, pois já sabia o que lhe aguardava lá dentro.

Subindo os degraus da escada, ela passou pela tia que a encarava firmemente desde que saíra do carro. Com um aceno de cabeça, ela cumprimentou a tia, que não esboçou nenhuma reação.

A garota não tinha nenhuma culpa pelo atraso, quem demorara fora seu pai, mas ela sabia que seria novamente o alvo dos cochichos, fofocas e de todos aqueles olhares a julgando constantemente.

Um cheiro delicioso inundava a casa, com certeza obra de sua mãe, a menina se dirigiu à sala de jantar, encontrando a mesa posta, com todos os seus familiares já saboreando aquele banquete. Ela cumprimentou a todos, nenhum deles nem ao menos se virou, mantendo os olhos fixos à comida. Ninguém, com a exceção de sua irmã mais velha, que rapidamente levantou-se para ajudar a caçula a guardar a pesada mala que ainda carregava. Sua irmã era uma mulher alta e bonita, os cabelos encaracolados e esbeltos, sempre bem arrumados, sua pele morena contrastava com seus olhos dourados, que brilhavam intensamente. Ela usava um refinado vestido branco, que de algum jeito, fazia parecer um traje casual. Ela era uma médica bem sucedida com uma clínica própria, uma mulher inteligente, justa e, apesar de negar e tentar esconder, também era calorosa e gentil. Era uma pena que as circunstâncias tivessem afastado as irmãs que um dia já foram tão boas amigas, mas apesar de tudo, elas ainda se importavam profundamente uma com a outra, sendo a mais velha a única que ainda mantinha contato com a outra, tendo sido ela a convidar a mais nova, numa tentativa de consertar o relacionamento quebrado daquela família.

As duas sentaram-se à mesa, lado a lado, conversando e comendo, tentando ignorar os olhares descontentes dos outros. À mesa encontrava-se toda a família, de frente para as irmãs estavam seus pais. A mãe tinha a mesma pele morena das filhas, seus olhos tinham uma cor dourada, seus cabelos lisos escorridos, cortados na altura dos ombros. Ela usava um vestido elegante e um casaquinho leve e refinado sobrepondo-o. Apesar de bonitos, seus olhos eram frios, sua personalidade controladora e manipuladora não passava despercebida em seu rosto, já marcado pela idade.

Ao lado de seus pais estavam seus tios, e a frente deles estavam seus primos. A tia era uma mulher baixa, sua pele tinha um tom pálido com um aspecto doentio, seus cabelos lisos e negros estavam soltos em um penteado simples. O tio estava sentado ao lado da esposa, ele era um homem tímido, completamente submisso à arrogante esposa, nunca expressando opinião sobre

nada, apenas concordando com a mulher. Seus cabelos eram ruivos, sua pele clara, cheia de sardas, seus olhos tinham uma cor azul intensa, seu físico era alto, levemente acima do peso. Os filhos, gêmeos, haviam acabado de fazer 11 anos, tinham exatamente a mesma aparência do pai, porém, suas personalidades se assemelhavam mais a da mãe.

Eles estavam sentados ao lado das primas, de frente para os pais, jogando animadamente alguns jogos de celular, ignorando completamente a presença de qualquer outro ser envolva deles. Os dois garotos adoravam pregar peças em quem quer que fosse, eles eram extremamente mimados pela mãe e nunca foram punidos por suas travessuras, por isso adquiriram este hábito.

À cabeceira da mesa, estava sentada a matriarca da família. Uma mulher rígida e mal-humorada que prefere passar os dias no silêncio, sem ninguém para incomodá-la. Sua pele pálida como a neve, as finas linhas de expressão davam ao seu rosto uma aparência ainda mais mal-humorada. Seus cabelos um dia negros agora eram grisalhos, estando presos em um coque firme no topo de sua cabeça, sem nenhum fio fora do lugar.

A jovem recém chegada mal havia se sentado quando a chuva de críticas de sua tia começou. Críticas sobre sua carreira, sobre suas vestes, sobre seu comportamento, sobre seu inexistente casamento, sobre tudo. Eram apenas comentários, apenas piadas maliciosas, mas por que machucavam tanto? A menina já estava acostumada com tudo aquilo, sempre fora a ovelha negra da família, que largou os negócios do pai para ser desenhista, que destruiu os sonhos da mãe ao negar casar-se. Sua tia gostava bastante de enfatizar estes pontos. Ela tentou protestar, mas os comentários da outra só se tornavam mais altos, “você nunca vai arranjar um marido decente”, “como se arte colocasse comida na mesa”, “você poderia pelo menos não se vestir como uma mendiga” e aquilo só continuava.

Sua mãe decidiu se juntar à cunhada, “por que você não pode ser um pouco como a sua irmã?”, “por que você tem que ser tão egoísta? Sempre fazendo tudo o que quer, sem pensar em tudo que te demos!” ela dizia.

Sua irmã estava claramente desconfortável com aquela situação, mas ela não tinha coragem de se opor à mãe na frente de todos, portanto, ela se levantou e saiu da sala.

Nem mesmo aquilo fora suficiente para fazer as duas pararem, os comentários continuaram ficando cada vez mais maldosos. Seu pai resolveu adicionar suas próprias decepções à lista, falando sobre a carreira incrível que a filha poderia ter tido se tivesse herdado sua empresa, debochando de sua arte. Sua avó comia de cara fechada enquanto murmurava “inútil” inúmeras vezes. Os gêmeos ao seu lado estavam se tornando cada vez mais barulhentos, gritando e gritando, totalmente concentrados em seu próprio mundinho.

A já exausta jovem estava chegando ao fim de sua paciência. Desde o início da noite havia sido insulto atrás de insulto, disfarçados de uma preocupação pouco genuína. A menina estava no limite, não havia viajado até ali para ser o saco de pancada de ninguém. Ela não aguentava mais aquilo e, seguindo o exemplo de sua irmã, ela se levantou e foi na direção dos quartos, quando ouviu:

- Está vendo? Ela nunca será ninguém na vida.

Essas poucas palavras saídas da boca de sua tia foram o suficiente, foram a última gota d'água, e a menina explodiu, gritando:

- Que seja! Pelo menos, depois de amanhã, eu nunca mais vou precisar falar com nenhum de vocês na vida!

Presença

No dia seguinte, a jovem garota acordou já bem tarde, tendo perdido metade do dia. Seus cabelos encaracolados encontravam-se bagunçados, com um lado amassado do travesseiro, seus olhos castanhos ainda meio fechados. Lentamente ela esticou o braço, tateando a cabeceira da cama, em busca de seu celular. Em meio a sua fúria da noite anterior, ela havia esquecido de colocá-lo para carregar e acabou por decidir assistir TV. Após uma pequena busca pelo

controle remoto, a garota ligou a televisão do quarto, ainda deitada na cama. Estava passando o jornal. A notícia rapidamente capturou a atenção da jovem.

- Nesta madrugada, um vírus altamente infeccioso foi localizado na região. Especialistas foram convocados e alertam para os perigos deste vírus que já pode estar espalhado pela população. Hoje mesmo, às 13 horas, foi assinada a ordem de isolamento para todos os habitantes locais. Todos os comércios foram fechados, apenas mercados e farmácias permanecem funcionando. Os cidadãos não estão autorizados a deixar suas residências, a não ser por absoluta necessidade. A recomendação é que se faça as compras online e que se evite ao máximo o contato com outros indivíduos. Especialistas ainda estão trabalhando em métodos eficazes de proteção. Voltaremos em breve com mais notícias, boa tarde.

O choque da garota era visível em suas feições, o choque que foi logo substituído pela apreensão. Ela teria que ficar presa naquela casa por mais tempo? Quanto tempo ela poderia aguentar? Quanto tempo isso iria durar? Ela tinha muitas perguntas e nenhuma respostas. A garota finalmente saiu de seus devaneios quando ouviu leves batidas na porta de seu quarto. Ela levantou e abriu a porta, encontrando sua irmã parada, segurando uma bandeja de comida que estava cheirando muito bem.

- Todos já almoçaram. Pensei que você poderia estar com fome, além do mais, você não vai querer esbarrar na mamãe na cozinha. – ela nem mesmo esperou uma resposta, entregando a bandeja nas mãos da caçula, sumindo tão rápido quanto surgiu, sem nem mesmo dar à irmã a chance de agradecer.

A garota ficou tão feliz com apenas aquele prato de comida que momentaneamente até se esqueceu de tudo o que estava acontecendo, tendo a chance de aproveitar aquela refeição.

Ela sabia que este seria um dos únicos momentos de paz que poderia ter naquela casa. Ali, ela não era apenas uma prisioneira, era também uma presa no meio de carnívoros selvagens. Ela estava trancada com todos aqueles de quem queria fugir. Como ela poderia ter dado tanto azar? Aquela era a primeira vez que via sua família em quase 3 anos. Por que isso teve que acontecer justo

agora? Ela nem queria vir, só havia concordado pois sabia que significaria muito para sua irmã, ela havia acabado de ficar noiva afinal.

A jovem passou muito tempo refletindo e se lamentando por aquela situação, ela nem percebeu o dia passar e já estava escuro novamente.

Fisicamente ela estava em perfeito estado, mas a garota se encontrava tão mentalmente exausta, que ela acabou dormindo novamente.

Convivência

Na manhã seguinte, a garota acordou tão cedo que o sol mal havia raiado. Os gritos furiosos vindos do jardim poderiam ter acordado a vizinhança inteira. Sua mãe estava aos berros com os gêmeos que com certeza haviam aprontado alguma coisa. A casa estava completamente vazia, todos estavam no jardim. Está era a oportunidade perfeita para assaltar a geladeira sem ter que lidar com aquelas pessoas.

Esquentando as sobras do jantar da noite anterior, a garota foi fazer sua refeição tranquilamente mas não conseguiu. A gritaria incessante proveniente do lado de fora, destruía a calma em que se encontrava o interior da casa.

Mas o que diabos estava acontecendo?

A jovem, por fim, cedeu a curiosidade e foi espiar o lado de fora por uma das janelas. Sua mãe estava aos berros com seus primos que, muito descaradamente, se escondiam atrás da mãe. A cena era um tanto peculiar. Todas as rosas vermelhas do jardim bem cuidado de sua mãe haviam sido violentamente arrancadas, havia um balde próximo a piscina que continha um líquido aguado e vermelho. As duas crianças haviam amassado as pétalas de todas as rosas do jardim e misturado à água da piscina, formando uma espécie de corante avermelhado que eles utilizaram para escrever e desenhar bobagens nos muros da casa. Sua mãe gritava com os meninos, exigindo que eles fossem punidos, enquanto sua tia protegia os filhos, alegando ter sido apenas uma brincadeira de criança, que eles estavam apenas expressando sua criatividade e que os muros, brancos, realmente precisavam de uma corzinha.

Seu pobre tio estava logo atrás da esposa, de cabeça baixa, observando os próprios pés, levantando os olhos de vez em quando para responder afirmativamente as perguntas retóricas da esposa.

Seu pai apenas observava de longe, com um olhar de desdém no rosto, claramente se achando superior a aquele tipo de coisa.

Sua avó observava toda a cena, resmungando sobre como seus netos não foram educados diretos e como sua filha e nora eram barulhentas, enquanto puxava as orelhas dos netos, aproveitando que a filha estava muito ocupada gritando sobre como seus filhos eram perfeitos.

Os gêmeos estavam se divertindo, eles continham o riso com dificuldade, enquanto se pagavam de vítimas inocentes na frente da mãe e fugiam das punições da avó.

A única que estava ativamente tentando conter a briga era sua irmã, sem sucesso, mas pelo menos havia alguém tentando. Todos os outros ou estavam colocando lenha na fogueira, ou não ligavam o suficiente para tentar apagar o fogo.

Seu celular vibrou em seu bolso. Uma notícia de jornal. Especialistas estimavam que no melhor dos casos, a situação normalizaria em 6 meses, mas poderiam ser até 5 anos antes de fabricarem uma vacina eficaz, não havia como ter certeza.

Pelo menos 6 meses dentro daquela casa onde todos a odiavam, ou melhor, todos odiavam uns aos outros, apenas eram forçados a fingir que se gostavam. Todo aquele tempo dentro daquele ambiente tóxico e disfuncional, cheio de pessoas horríveis, egoístas e manipuladoras. Pelo menos havia sua irmã, uma única alma boa no meio daquelas trevas. Ela mesma não era das melhores pessoas que se conhecia, mas ela tentava. Havia passado apenas dois dias ali e tudo aquilo já havia acontecido.

Ela sabia que seu relacionamento com aquelas pessoas jamais poderia ser concertado, tudo já havia sido destruído, pisoteado e despedaçado. Mas não significava que ela não poderia encontrar um jeito de conviver com aquela gente, tinha que haver um jeito de tornar tudo mais fácil. Foi quando a garota se lembrou

de um livro que havia lido muitos anos atrás. Ele contava a história de um vampiro que vivia na mesma casa que uma família humana, nunca sendo descoberto, pois ele estava acordado apenas enquanto os humanos dormiam. Aquilo não era uma má ideia: se ela invertesse sua rotina de sono, poderia evitar ao máximo a convivência com a família, se é que eles poderiam ser chamados assim.

Com um plano em mente, a jovem terminou de comer e voltou novamente ao seu quarto. Após algumas horas, os gritos finalmente cessaram. A garota pôs um despertador em seu telefone para que acordasse à meia-noite e foi dormir, com o intuito de testar sua teoria.

O alarme tocou e a menina levantou imediatamente, cheia de energia, pois havia dormido o dia inteiro. Após tomar um banho quente, decidiu explorar a casa no escuro. Aquela era a casa onde havia crescido, mas havia tantos anos desde que estivera ali, tanto havia mudado. Ela andava silenciosamente pelas salas e corredores, no início, estava receosa, com medo de que alguém acordasse, mas o tempo foi passando e ela começou a realmente aproveitar o pequeno passeio, lembrando das brincadeiras que tinha com sua irmã, das travessuras que aprontavam juntas, fazia tanto tempo que não se divertia naquela casa.

Toda aquela aventura noturna a havia deixado inspirada. Por sorte, ela havia trazido seu material de desenho. Geralmente, os lugares escuros e solitários eram os que representavam a tristeza, mas para ela, naquele momento, eram sua esperança. De repente, aqueles longos 6 meses à sua frente não pareciam tão longos assim.